

Domingo XVI do Tempo Comum – Ano A – 19.07.2026



Viver a Palavra

Diante de um mundo onde tudo corre a passo lesto, onde procuramos resoluções rápidas e imediatas e onde as soluções radicais são bastante tentadoras e populistas, emerge a paciência fecunda da metáfora agrícola de um campo de trigo que parece ameaçado pelo joio que cresce conjuntamente ou da pequena semente de mostarda que cresce para se tornar uma árvore grande e frondosa onde as aves do céu se podem abrigar ou até da imagem doméstica da mulher que junta o fermento à farinha para levedar toda a massa.

A paciência fecunda é uma nobre arte que parece passada de moda, pois diante das nossas urgências quotidianas parece quietude, inércia ou até relativismo. Como afirma o P. Nuno Tovar de Lemos, as «soluções radicais» parecem muito tentadoras, quer em nós mesmos («saio de casa e acaba-se com isto de uma vez por todas!», quer em relação ao mundo («o que isto está a precisar é de um bom ditador!», «se não vai a bem, vai a mal!»), quer em relação à religião (com os fundamentalismos religiosos).

Na verdade, continuando a narrar as parábolas evangélicas que ocupam o centro geográfico e teológico do Evangelho de Mateus, Jesus ensina-nos que a pressa de acabar de vez com todo o mal pode destruir o bem. Que o desejo de ver a semente germinar e tornar-se uma grande árvore exige a espera e o cuidado paciente que é tanto mais frutuosa quanto mais discreta e humilde como o fermento, que pequeno e discreto leveda toda a massa.

Importa ressaltar que a parábola do trigo e do joio não é um convite ao relativismo. O dono da casa não afirma que trigo e joio são a mesma coisa. Para ele, o joio é claramente mau e claramente distinto do trigo. Num mundo relativista, facilmente perdemos a exigência e deixamos de ter ideais elevados, contudo é essencial ter grandes ideais e lutar por eles. Mas temos de distinguir a necessidade de termos ideais da tentação de sermos idealistas. Uma coisa é ter um ideal como meta que orienta o nosso agir e nos indica a direção do nosso caminho, outra coisa são os idealismos que possuem uma grande dose de impaciência e irritação para connosco e com o mundo pelo facto de a realidade ainda não ser aquilo que devia ser. Esta impaciência e irritação conduzem a duas saídas, ambas erradas: as soluções radicais ou o relativismo.

Contudo, não é assim com o dono deste campo que tolera até à colheita a presença do joio a crescer com o trigo. Se permite isto, é porque não quer que algum trigo se perca na ânsia desesperada de arrancar o joio, isto é, ele está muito mais preocupado com o trigo que com o joio. Na verdade, os nossos perfeccionismos e soluções radicais são muito mais centrados no joio que no trigo.

Jesus sabe que na nossa vida e no nosso coração crescem trigo e joio, bem e mal. Esta mansidão de Deus no seu agir com os homens e mulheres, como narra a primeira leitura, e que aparece descrita pelo dono do campo na parábola constituem um apelo à arte da paciência e da convivência onde cada batizado indigente da paciência e benevolência de Deus converte o seu coração para que se torne manso, humilde e paciente para com as fraquezas e limitações do próximo. Contudo, a misericórdia e bondade de Deus não são um convite ao comodismo, mas apelo permanente à conversão para que a semente lançada no coração de cada homem e cada mulher germine e cresça como aquele pequeno grão de mostarda, de modo que as nossas vidas sejam ótimo

fermento a levedar toda a massa e a fazer ecoar no mundo a mais bela melodia do amor de Deus. **in Voz Portucalense.**

+++++

Estamos no ano litúrgico – **2025/2026, o Ano A** – em que iremos ter a companhia do evangelista S. Mateus em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus.

Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Sabedoria 12,13.16-19

Leitura do Livro da Sabedoria

**Não há Deus, além de Vós,
que tenha cuidado de todas as coisas;
a ninguém tendes de mostrar que não julgais injustamente.
O vosso poder é o princípio da justiça
e o vosso domínio soberano
torna-Vos indulgente para com todos.
Mostrais a vossa força
aos que não acreditam na vossa onipotência
e confundis a audácia daqueles que a conhecem.
Mas Vós, o Senhor da força, julgais com bondade
e governais-nos com muita indulgência,
porque sempre podeis usar da força quando quiserdes.
Agindo deste modo, ensinastes ao vosso povo
que o justo deve ser humano
e aos vossos filhos destes a esperança feliz
de que, após o pecado, dais lugar ao arrependimento.**

CONTEXTO

O "Livro da Sabedoria" é o mais recente de todos os livros do Antigo Testamento (aparece durante a primeira metade do séc. I a.C.). O seu autor - um judeu de língua grega, provavelmente nascido e educado na Diáspora (Alexandria?) - exprimindo-se em termos e concepções do mundo helénico, faz o elogio da "sabedoria" israelita, traça o quadro da sorte que espera o justo e o ímpio no mais-além e descreve (com exemplos tirados da história do Êxodo) as sortes diversas que tiveram os pagãos (idólatras) e os hebreus (fiéis a Jahwéh). O seu objetivo é duplo: dirigindo-se aos seus compatriotas judeus (mergulhados no paganismo, na idolatria, na imoralidade), convida-os a redescobrirem a fé dos pais e os valores judaicos; dirigindo-se aos pagãos, convida-os a constatar o absurdo da idolatria e a aderir a Jahwéh, o verdadeiro e único Deus... Para uns e para outros, só Jahwéh garante a verdadeira "sabedoria" e a verdadeira felicidade.

O texto que nos é proposto pertence à terceira parte do livro (cf. Sab 10,1-19,22). Nessa parte, recorrendo, sobretudo, à técnica do midrash, o autor faz a comparação entre os castigos que Deus lançou contra os "ímpios" (os pagãos) e a salvação reservada aos "justos" (o Povo de Deus).

O autor começa por mostrar como a "sabedoria" de Deus se manifestou na história de Israel (cf. Sab 10,1-11,14). Em contraste, vai descrever como é que Deus tratou os egípcios (cf. Sab 11,15-20) e os idólatras cananeus (cf. Sab 12,3-19). O texto que nos é proposto faz parte desta última perícopa.

Os cananeus eram, na perspectiva dos israelitas, uma raça maldita e perversa, que cometiam crimes especialmente hediondos: "praticavam obras detestáveis, ritos ímpios, e eram cruéis assassinos dos seus filhos" (Sab 12,4-5). Deus podia tê-los eliminado rapidamente (cf. Sab 12,9); no entanto, retardou o mais possível o castigo (cf. Sab 12,8), dando-lhes várias oportunidades de se arrependerem e de mudarem de vida (cf. Sab 12,10). *in Dehonianos.*

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes pontos:

- O nosso texto apresenta-nos um Deus tolerante e justo, em quem a bondade e a misericórdia se sobrepõem à vontade de castigar. Ele não quer a destruição do pecador, mas a sua conversão; Ele ama todos

os homens que criou, mesmo aqueles que praticam ações erradas. Ora, todos nós conhecemos bem este quadro de Deus, pois ele aparece-nos a par e passo na Palavra revelada... Mas já o interiorizámos suficientemente?

- Interiorizar esta "fotografia" de Deus significa "empapar-nos" da lógica do amor e da misericórdia e deixar que ela transpareça em gestos para com os nossos irmãos. Isso acontece realmente? Qual a nossa atitude para com aqueles que nos fizeram mal, ou cujos comportamentos nos desafiam e incomodam? Faz sentido catalogar os homens em bons e maus e defendermos uma justiça implacável para com aqueles que praticam ações erradas?

- Muitas vezes, percebemos certos males que nos incomodam como "castigos" de Deus pelo nosso mau proceder. No entanto, este texto deixa claro que Deus não está interessado em castigar os pecadores... Quando muito, procura fazer-nos perceber, com a pedagogia de um pai cheio de amor, o sem sentido de certas opções e o mal que nos fazem certos caminhos que escolhemos. *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 85 (86)

Refrão: Senhor, sois um Deus clemente e compassivo.

**Vós, Senhor, sois bom e indulgente,
cheio de misericórdia para com todos os que Vos invocam.**

**Ouvi, Senhor, a minha oração,
atendei a voz da minha súplica.**

**Todos os povos que criastes virão adorar-vos, Senhor,
e glorificar o vosso nome,
porque Vós sois grande e operais maravilhas,
Vós sois o único Deus.**

**Senhor, sois um Deus bondoso e compassivo,
paciente e cheio de misericórdia e fidelidade.**

**Voltaí para mim os vossos olhos
e tende piedade de mim.**

LEITURA II – Romanos 8,26-27

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos:

**O Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza,
porque não sabemos que pedir nas nossas orações;
mas o próprio Espírito intercede por nós
com gemidos inefáveis.**

**E Aquele que vê no íntimo dos corações
conhece as aspirações do Espírito,
sabe que Ele intercede pelos santos
em conformidade com Deus.**

CONTEXTO

Há já alguns domingos que Paulo nos vem propondo uma catequese sobre o caminho a seguir para poder acolher a salvação que Deus oferece. A salvação é um dom de Deus, dom gratuito que é fruto da bondade e do amor de Deus (cf. Rom 3,21-5,11). Essa salvação chega-nos através de Jesus Cristo (cf. Rom 5,12-8,39); e atua em nós pelo Espírito que Jesus derrama sobre aqueles que aderem ao seu projeto e entram na sua comunidade (cf. Rom 8,1-39) - a comunidade do Reino.

No passado domingo, Paulo convidava os crentes a decidirem-se pela vida "segundo o Espírito". Dizia-nos que essa opção terá uma dimensão cósmica e que ajudará a vencer os desequilíbrios e desarmonias que destroem a criação de Deus. Trata-se, no entanto, segundo Paulo, de um caminho difícil, que exige padecimentos, renúncias, purificações, renovação da vida.

Como é que o cristão pode fazer essa opção? Como é que ele percebe, claramente, qual é o caminho? Onde recebe ele a força para viver "segundo o Espírito"? *in Dehonianos.*

ATUALIZAÇÃO

A reflexão poderá ter em conta as seguintes questões:

- Antes de mais, há neste texto um convite implícito a tomarmos consciência do amor que Deus nos dedica e da sua preocupação com a nossa salvação, com a nossa realização plena. Não somos minúsculos grãos de areia abandonados ao sabor das tempestades cósmicas num universo sem fim; somos filhos amados de Deus, a quem Ele não desiste de indicar, todos os dias, os caminhos da felicidade e da vida definitiva. Nos momentos de crise, de derrota, de falência, é preciso conservar os olhos postos nesta certeza: Deus ama-nos; por isso, oferece-nos, de forma gratuita e incondicional, a salvação.

• O Espírito de Deus, vivo e atuante na história do mundo e na vida de cada homem ou mulher é a "prova provada" do amor de Deus por nós. O Espírito oferece-nos cada dia a vida de Deus, leva-nos ao encontro de Deus, faz com que a nossa voz chegue ao coração de Deus. É preciso, no entanto, disponibilidade para o acolher e atenção aos sinais através dos quais Ele nos conduz ao encontro de Deus. Acolher o Espírito é sair do egoísmo, do orgulho, da autossuficiência e procurar descobrir, com humildade e simplicidade, os caminhos de Deus, os desafios de Deus.

• O ritmo da vida moderna é estonteante... As exigências profissionais, os problemas familiares, o inferno do trânsito, a necessidade de ganhar a vida atiram-nos de corrida em corrida, sempre ocupados, sempre cansados, sempre carregados de stress, prisioneiros de uma máquina que nos desumaniza e que não nos deixa centrar a nossa atenção no essencial, reequacionar os nossos valores e prioridades. É preciso, no entanto, encontrar tempo e espaço para refletir, para redefinir o sentido da nossa existência, para perceber se estamos a conduzir a nossa vida "segundo a carne" ou "segundo o Espírito".

• O verdadeiro crente é o que vive em comunhão com Deus. Não prescinde desses momentos de diálogo, de partilha, de escuta, de louvor a que chamamos oração. É nesse diálogo intenso, verdadeiro, diário que o crente, através do Espírito, intui a lógica de Deus, a sua verdade, o projeto que Ele tem para cada homem e para o mundo. Esforço-me por encontrar espaço para o diálogo com Deus e para fortalecer a minha intimidade com Ele? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Mateus 13,24-43

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo,

Jesus disse às multidões mais esta parábola:

"O reino dos Céus pode comparar-se a um homem que semeou boa semente no seu campo.

Enquanto todos dormiam, veio o inimigo, semeou joio no meio do trigo e foi-se embora.

Quando o trigo cresceu e deu fruto, apareceu também o joio.

Os servos do dono da casa foram dizer-lhe:

'Senhor, não semeaste boa semente no teu campo?

Donde vem então o joio?

Ele respondeu-lhes: 'Foi um inimigo que fez isso'.

Disseram-lhe os servos:

'Queres que vamos arrancar o joio?'

'Não! - disse ele –

não suceda que, ao arrancardes o joio, arranqueis também o trigo.

Deixai-os crescer ambos até à ceifa

e, na altura da ceifa, direi aos ceifeiros:

Apanhai primeiro o joio e atai-o em molhos para queimar;

e ao trigo, recolhei-o no meu celeiro'''.

Jesus disse-lhes outra parábola:

"O reino dos Céus pode comparar-se a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo.

Sendo a menor de todas as sementes,

depois de crescer, é a maior de todas as hortaliças

e torna-se árvore, de modo que as aves do céu vêm abrigar-se nos seus ramos".

Disse-lhes outra parábola:

"O reino dos Céus pode comparar-se ao fermento

que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado".

Tudo isto disse Jesus em parábolas,

e sem parábolas nada lhes dizia,

a fim de se cumprir o que fora anunciado pelo profeta,

que disse: "Abrirei a minha boca em parábolas,

proclamarei verdades ocultas desde a criação do mundo".

Jesus deixou então as multidões e foi para casa.

Os discípulos aproximaram-se d'Ele e disseram-Lhe:

"Explica-nos a parábola do joio no campo".

Jesus respondeu:

"Aquele que semeia a boa semente é o Filho do homem e o campo é o mundo.

**A boa semente são os filhos do reino,
o joio são os filhos do Maligno
e o inimigo que o semeou é o Demônio.**

**A ceifa é o fim do mundo
e os ceifeiros são os Anjos.**

**Como o joio é apanhado e queimado no fogo,
assim será no fim do mundo:**

**o Filho do homem enviará os seus Anjos,
que tirarão do seu reino todos os escandalosos
e todos os que praticam a iniquidade,
e hão de lançá-los na fornalha ardente;
aí haverá choro e ranger de dentes.**

**Então, os justos brilharão como o sol
no reino do seu Pai.**

Quem tem ouvidos, oiça".

CONTEXTO

Continuamos em contacto com as "parábolas do Reino". O Evangelho deste domingo apresenta-nos mais um bloco de três imagens ou comparações ("parábolas") que pretendem revelar aos discípulos e às multidões que rodeiam Jesus, a realidade do "Reino".

Já vimos, no passado domingo, porque é que Jesus pregava por "parábolas": porque a linguagem parabólica é uma linguagem rica, expressiva, questionante; porque a "parábola" é uma excelente arma de controvérsia, muito útil em contextos polémicos; porque a "parábola" faz as pessoas pensar e incita-as à procura da verdade. Por tudo isto, as "parábolas" são uma linguagem privilegiada para apresentar o Reino, para incitar as pessoas a descobrir o Reino e para as levar a aderir ao Reino.

Das três parábolas que nos são hoje propostas, duas (o grão de mostarda e o fermento) procedem da tradição sinóptica; a outra (a parábola do trigo e do joio) só aparece em Mateus (além de aparecer também numa antiga coleção de "ditos" de Jesus, conhecida como "Evangelho de Tomé").

Também desta vez percebe-se - tanto nas parábolas, como nas explicações que as acompanham - a preocupação "pastoral" de Mateus: ele não é um jornalista a transcrever o que Jesus disse; mas é um "pastor" que procura exortar, animar, ensinar e fortalecer a fé dessa comunidade cristã a que o Evangelho se dirige. *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes desenvolvimentos:

- O Evangelho deste domingo garante-nos, antes de mais, que o "Reino" é uma realidade irreversível, que está em processo de crescimento no mundo. É verdade que é difícil perceber essa semente a crescer ou esse fermento a levedar a massa, quando vemos multiplicarem-se as violências, as injustiças, as prepotências, as escravidões... É difícil acreditar que o "Reino" está em processo de construção, quando o materialismo, a futilidade, o comodismo, a procura da facilidade, o efémero, sobressaem, de forma tão marcada, na vida de grande parte dos homens e das mulheres do nosso tempo... A Palavra de Deus convida-nos, contudo, a não perder a confiança e a esperança. Apesar das aparências, o dinamismo do "Reino" está presente, minando positivamente a história e a vida dos homens.

- Na verdade, falar do "Reino" não significa falarmos de um "condomínio fechado", ao qual só tem acesso um grupo privilegiado constituído pelos "bons", pelos "puros", pelos perfeitos", e de onde está ausente o mal, o egoísmo e o pecado... Falar do "Reino" é falar de uma realidade em processo de construção, onde cada homem e cada mulher têm o direito de crescer ao seu ritmo, de fazer as suas escolhas, de acolher ou não o dom de Deus, até à opção final e definitiva. É falarmos de uma realidade onde o amor de Deus, vivo e atuante, vai introduzindo no coração do homem um dinamismo de conversão, de transformação, de renascimento, de vida nova.

- Neste Evangelho temos também uma lição muito sugestiva sobre a atitude de Deus face ao mal e aos que fazem o mal. Na parábola do trigo e do joio, Jesus garante-nos que os esquemas de Deus não preveem a destruição do pecador, a segregação dos maus, a exclusão dos culpados. O Deus de Jesus Cristo é um Deus de amor e de misericórdia, sem pressa para castigar, que dá ao homem "todo o tempo do mundo" para crescer, para descobrir o dom de Deus e para fazer as suas escolhas. Não percamos nunca de vista a "paciência" de Deus para com os pecadores: talvez evitemos ter de carregar sentimentos de culpa que oprimem e amarguram a nossa breve caminhada nesta terra.

- A "paciência de Deus" com o joio convida-nos também a rejeitarmos as atitudes de rigidez, de intolerância, de incompreensão, de vingança, nas nossas relações com os nossos irmãos. O "senhor" da parábola não aceita a intolerância, a impaciência, o radicalismo dos "servos" que pretendem "cortar o mal pela raiz" e arrancar o mal (correndo o risco de serem injustos, de se enganarem e de meterem mal e bem no mesmo saco). Às vezes, somos demasiados ligeiros em julgar e condenar, como se as coisas fossem claras e tudo fosse, sem discussão, claro ou escuro... A Palavra de Deus convida-nos a moderar a nossa dureza, a nossa intolerância, a nossa intransigência e a contemplar os irmãos (com as suas falhas, defeitos, diferenças, comportamentos religiosa ou socialmente incorretos) com os olhos benevolentes, compreensivos e pacientes de Deus.

- Convém termos sempre presente o seguinte: não há o mal quimicamente puro de um lado e o bem quimicamente puro do outro... Mal e bem misturam-se no mundo, na vida e no coração de cada um de nós. Dividir as nações em boas (as que têm uma política que serve os nossos interesses) e más (as que têm uma política que lesa os nossos interesses), os grupos sociais em bons (os que defendem valores com os quais concordamos) e maus (os que defendem valores que não são os nossos), os indivíduos em bons (os amigos, aqueles que nos apoiam e que estão sempre de acordo connosco) e maus (aqueles que nos fazem frente, que nos dizem verdades que são difíceis de escutar, que não concordam connosco)... é uma atitude simplista, que nos leva frequentemente a assumir atitudes injustas, que geram exclusão, marginalização, sofrimento e morte. Mais uma vez: saibamos olhar para o mundo, para os grupos, para as pessoas sem preconceitos, com a mesma bondade, compreensão e tolerância que Deus manifesta face a cada homem e a cada mulher, independentemente das suas escolhas e do seu ritmo de caminhada. *in Dehonianos*.

Para os leitores:

As leituras propostas para este Domingo não apresentam nenhuma dificuldade aparente na sua preparação. Contudo, um texto curto, como o caso da segunda leitura, exige um cuidado ainda maior para uma eficaz proclamação do texto. Em ambos os textos, pede-se o cuidado nas pausas e respirações, porque possuem frases longas com diversas orações.